

ESTRATÉGIA FRANCESA DE “DISSUAÇÃO AVANÇADA” AUMENTA O RISCO DE GUERRA NUCLEAR

A expansão do guarda-chuva nuclear francês pela Europa, sob a “dissuasão avançada”, redefine a segurança continental, projeta poder tático contra a Rússia e acende alertas sobre escalada, precedentes históricos e riscos de um novo confronto no flanco oriental da OTAN.

Andrew Korybko*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

O [anúncio](#), no final de abril, de que a França e a Polônia realizarão exercícios nucleares regulares, que analistas acreditam, com razão, serem direcionados contra a Rússia (especificamente Kaliningrado) e a Bielorrússia, representou a primeira aplicação do que o presidente francês, Emmanuel Macron, denominou “dissuasão avançada”. A medida seguiu-se ao [seu discurso](#) no início do ano, no qual ele apresentou esse conceito, essencialmente a expansão do guarda-chuva nuclear francês sobre a Europa, que, por sua vez, ocorreu logo após o vencimento do [Novo START](#).

O jornal *The Telegraph* detalhou as intenções de Macron em seu artigo intitulado “[Como a França adotou a opção nuclear para fazer Putin pensar duas vezes](#)”. Caças Rafale armados com ogivas nucleares táticas serão enviados não apenas para a Polônia, mas provavelmente também para a Holanda, Bélgica, Grécia, Suécia, Dinamarca e Alemanha, países que demonstraram interesse em sua iniciativa de “dissuasão avançada”. Um dia após a publicação do artigo, a Noruega [anunciou](#) sua participação na iniciativa, realizando, portanto, provavelmente exercícios nucleares regulares, assim como a Polônia.

O aspecto tático das ogivas nucleares que a França prevê implantar com seus Rafales por toda a

Europa é significativo, explica o *Telegraph*, porque fazem parte do que sua doutrina nuclear chama de “tiro de advertência nuclear”. Isso se refere a “um ataque nuclear único, não renovável e limitado, que provavelmente teria como alvo um alvo militar”. O objetivo é intimidar o alvo, presumivelmente a Rússia, para que interrompa as operações militares e recorra exclusivamente a meios diplomáticos para resolver qualquer disputa que seja.

É importante ressaltar que a Romênia [confirmou anteriormente](#) que a França a convidou para participar da iniciativa de “dissuasão avançada”, mas seu novo presidente, surpreendentemente, [recusou](#) a oferta de abrigar componentes nucleares, apesar de já abrigar [tropas francesas](#). Se a Romênia mudar de ideia, os Rafales franceses na Noruega poderiam ameaçar as bases russas no Ártico com ogivas nucleares táticas, os da Polônia poderiam ameaçar as de Kaliningrado e Belarus, enquanto os Rafales baseados na Romênia poderiam ameaçar a Crimeia. Isso representa uma ameaça estratégica qualitativamente nova para a Rússia.

Na [frente convencional](#), o “cordão sanitário” que está sendo montado no Ártico-Báltico por meio de [esforços liderados pelo Reino Unido](#), na Europa Central por meio de [esforços liderados pela Polônia](#) e em toda a sua periferia sul por meio de esforços [liderados pela Turquia](#) se consolidaria, com a influência turca possivelmente se estendendo à Romênia, como previsto [aqui](#). Enquanto isso, Alemanha e Polônia [competem](#) para construir o maior exército europeu da OTAN (o da Polônia é [atualmente o maior](#)), mas a Alemanha poderia representar uma [ameaça semelhante à de 1941](#) para a Rússia se, afinal, conseguir ultrapassá-la.

Essas tendências são incrivelmente perigosas para a Rússia, já que estão se desenrolando [bem à sua porta](#). Pior ainda, os [Estados Bálticos](#), tipicamente anti-Rússia, poderiam se sentir encorajados por esses desenvolvimentos a iniciar uma crise com a Rússia ou abrir uma segunda frente em apoio à Ucrânia se o conflito em curso for retomado algum tempo depois de sua inevitável conclusão, arriscando assim uma crise nuclear se a França reafirmar sua “dissuasão avançada” em relação à Rússia. A Rússia poderia então [lançar um primeiro ataque nuclear contra a OTAN](#).

A última vez que a França concordou em defender um país europeu, abandonou a Polônia aos nazistas durante a “guerra de mentira”, portanto, o precedente sugere que isso poderá se repetir no futuro. Os países ao longo do [flanco oriental da OTAN](#) que participam da iniciativa francesa de “dissuasão avançada”, como a Polônia, a Romênia (que poderá vir a participar um dia), a Finlândia e os Estados Bálticos, devem, portanto, lembrar-se disso caso tenham a ideia de provocar a Rússia sob a cobertura do guarda-chuva nuclear francês.

**Andrew Korybko é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
